gura a partir de regras baseadas em tradições, formando o *esprit de corps* do movimento.

Turner e Killian afirmam que há três tipos de grupo que podem ser chamados de quase-movimento, porque possuem algumas características dos movimentos. São eles: movimentos de massa como a imigração, em que certa dose de contato social influencia o fenômeno; grupos formados por seguidores/admiradores de alguma figura pública que promoveu, por exemplo, um programa de mudança social; e os cultos, basicamente religiosos, em que há demandas somente sobre o comportamento de seus membros.

Trataram eles também do tempo de duração dos movimentos, observando que "um movimento social não pode continuar como tal indefinidamente. Distinto das organizações institucionalizadas, marcadas pela estabilidade, o movimento social é por definição dinâmico. Quando perde essa característica, cessa de ser um movimento social, desaparece ou torna-se uma forma social diferente" (Turner e Killian, 1957: 480). A determinação desse processo depende dos efeitos que o movimento social tem sobre o meio ambiente e vice-versa. Um movimento se institucionaliza quando alcança um alto grau de estabilidade interna, ganha posição reconhecida dentro de uma sociedade mais ampla, passa a ter algumas funções nela e estabelece algumas áreas de competência. A institucionalização impõe estabilidade adicional ao movimento e um de seus aspectos-chave é determinar procedimentos de conduta para o grupo. Os autores concluem que todos os movimentos podem vir a ter um caráter institucionalizado.

A problemática do ciclo de vida de um movimento foi tratada por eles do ponto de vista interno, em seus diferentes estágios, desde a origem até seu sucesso ou outra forma de desfecho. Eles chamam a atenção para o valor deste *approach* por enfatizar o processo — e este elemento será retomado nos anos 90 pelo próprio paradigma norte-americano, que o considerará básico para distinguir um movimento de outras ações coletivas. Há um processo social em andamento.

A abordagem de Turner e Killian foi denominada por Gansson (1992) como a das "normas-emergentes", em que o processo pelo qual ocorre a mobilização coletiva torna-se o problema central a

ser investigado. Eles repudiam as afirmações que dizem ser as ações dos movimentos mais emocionais ou irracionais que outras formas institucionalizadas. Emoção e razão não são necessariamente irreconciliáveis, e dividir as ações em racionais é irracional significa negar a complexidade do comportamento humano (cf. Gansson, 1992: 54).

A abordagem de Turner e Killian foi criticada por Wilson (1973), entre outros pontos, porque rejeitava a clássica distinção entre movimentos reformistas e movimentos revolucionários. Esta distinção foi retomada por Aberle (1966), outro estudioso do assunto, que a desdobrou em três formas (movimentos transformativos, reformativos e redentores), e utilizada posteriormente por Hobsbawm (1970). Em 1989, Giddens incluiu a classificação de Aberle em seus estudos sobre os movimentos sociais.

Cumprir destacar ainda que a teoria de Turner e Killian foi recuperada nos anos 90 por Gusfield (1996), como uma via alternativa para o entendimento dos novos movimentos sociais.

4.3 - Smelser e a teoria estrutural-funcionalista sobre os movimentos sociais

O trabalho de Smelser é o segundo destaque em nossa exposição das teorias comportamentalistas sob a ótica da psicologia social. Em 1963, ele publicava sua obra *Comportamento coletivo*. Posteriormente, sua abordagem foi considerada por Bobbio, Pasquino e Matteucci, no verbete "movimento social" do conhecido *Dicionário de política* (1985) por eles organizado, como uma das correntes significativas no estudo dos movimentos sociais.

A teoria de Smelser sobre os comportamentos coletivos não-conventionais tenta demonstrar como eles diferem dos comportamentos rotineiros. Eles teriam componentes irracionais e emocionais e seriam respostas cognitivas inadequadas para as tensões estruturais que emergem da modernização. Para Smelser, a terminologia "comportamento coletivo" inclui fenômenos como respostas ao pânico, ciclos da moda, desfiles e carreatas, *boom* financeiro, ressurgimento de religiões, explosões hostis e movimentos de valores orientados — incluindo revoluções políticas e religiosas, formação de seitas, movimentos nacionalistas etc.